

PRÁTICAS MUSICOTERAPÊUTICAS EM GRUPO: PLANEJAR PARA INTERVIR

GROUP MUSIC THERAPEUTIC PRACTICES: PLANNING TO INTERVENE

Fernanda Valentin (UFG)²⁸, Leomara Craveiro de Sá (UFG)²⁹, Elizabeth Esperidião (UFG)³⁰

118

Resumo - Este artigo tem por objetivo refletir sobre aspectos relacionados ao planejamento de intervenções grupais em musicoterapia. São várias as expressões, os comportamentos e as relações que se entrelaçam, possibilitando que os integrantes do grupo revivam recortes de experiências de vida que constituem elementos significativos para a escuta e análise musicoterapêuticas. O planejamento das intervenções é etapa básica para a assertividade da proposta a ser empreendida pelo musicoterapeuta, em razão da complexidade dos fenômenos inerentes a qualquer grupo, e aqueles específicos às experiências musicais. Planejar ajuda a manter o foco na intervenção, favorece a efetividade da ação, minimiza possíveis riscos, além de contribuir para a avaliação dos resultados, sempre tendo em vista o cumprimento das questões éticas.

Palavras-chave: Musicoterapia. Planejamento. Intervenções Grupais.

Abstract: This article is a reflection on aspects related to the planning of group interventions in music therapy. Various expressions, behaviors and relationships are intertwined, providing members of the group to revive excerpts of life experiences that constitute significant elements for music therapeutic listening and analyzing. The intervention planning is a basic step for the assertiveness of the proposal to be undertaken by the music therapist, due to

²⁸ Mestre em Música e Bacharel em Musicoterapia - UFG. Especialização em Terapia de Casais e Famílias – PUC-Go. Professora do Curso de Graduação em Musicoterapia - UFG. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Atendimentos em Musicoterapia - NEPAM/CNPq. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4138799U6>

²⁹ Doutora em Comunicação e Semiótica -PUC/SP; Musicoterapeuta com Especializações em Psicologia Transpessoal e Musicoterapia em Saúde Mental; Bacharel em Música; Professora aposentada/UFG; Membro do NEPAM/CNPq. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4708886E6>

³⁰ Doutora em Enfermagem; Graduada em Enfermagem e Psicologia. Professora Adjunta Faculdade de Enfermagem - UFG. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; Membro do Grupo de Estudos em Gestão e Recursos Humanos em Saúde e Enfermagem. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4706360T2>

the complexity of the phenomena inherent to any group, and those that are specific to the musical experiences. Planning helps to keep the focus on the intervention, favors the effectiveness of the action, minimizes potential risks, and contributes to the evaluation of results, always having in mind the compliance of ethical issues.

Keywords: Music Therapy. Planning. Group Interventions.

Introdução

Independente da área de atuação, a tendência natural do ser humano é começar a desenvolver ações sem antes fazer um planejamento. Entretanto, isto pode comprometer o resultado final, além de ocasionar perda de tempo na execução da tarefa proposta. Um dos principais argumentos contra o planejamento é que ele limita a liberdade e transforma a vida em um processo mecânico (BARBOSA, 2004). Tal compreensão é, na verdade, um equívoco, especialmente quando se trata de ações a serem empreendidas junto a seres humanos. Qualquer que seja o contexto, é necessário que o mesmo seja cuidadosamente avaliado antes de qualquer intervenção.

O planejamento é um processo no qual se identifica aonde se quer chegar (uma situação ou um estado), da forma mais adequada possível, considerando-se, sobretudo, aspectos éticos. Ele tem a função de uma bússola, norteando e indicando caminhos: o que fazer, como, onde, quando, quanto, para quem, por que e por quem. Dessa forma, “o planejamento não diz respeito a decisões futuras, mas às implicações futuras de decisões presentes” (DRUCKER, 1962, p.131).

Para Bruscia (2000), não planejar pode levar à perda do foco e à impossibilidade de avaliar resultados. O autor defende que a musicoterapia trata-se de uma ciência, uma terapêutica com metas e objetivos bem definidos, temporalmente organizados, com uma metodologia e um corpo de conhecimento composto por variedade de teorias e contínua pesquisa. É, portanto, uma profissão que possui padrões clínicos e éticos que orientam e

regulam a conduta dos profissionais musicoterapeutas. Nesta perspectiva, é apresentada uma reflexão sobre alguns aspectos inerentes ao planejamento de intervenções grupais em musicoterapia. Não se trata de um manual de planejamento, mas sim de indicadores para auxiliar no manejo grupal.

ATENDIMENTOS MUSICOTERAPÊUTICOS EM GRUPO

120

O grupo configura-se como uma experiência histórica, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto de relações. Nele apresentam-se aspectos gerais da sociedade e aspectos pessoais, vivência subjetiva e realidade objetiva. O grupo caracteriza-se por relações de interdependência. Assim, a atividade grupal tem a dimensão externa relacionada com a sociedade e/ou outros grupos, e a interna, vinculada aos membros do próprio grupo (MARTINS, 2007). Em graus e modalidades diferentes, todos os membros de um grupo buscam um objetivo comum que motiva sua participação no grupo. As pessoas que se reúnem em torno de um mesmo desígnio estabelecem múltiplos intercâmbios entre si. Por natureza, todo grupo apresenta um dinamismo que lhe é próprio: tem seus problemas, dificuldades, fracassos, sucessos e alegrias. No interior de um grupo, as relações entre os membros evoluem constantemente (AUBRY E SAINT-ARNAUD, 1978; FREIRE, 1992).

Independentemente do contexto terapêutico, o planejamento é etapa fundamental para a assertividade da proposta a ser empreendida. E quando se trata de atendimentos musicoterapêuticos em grupo, além dos elementos que naturalmente são considerados na leitura da dinâmica do grupo, a necessidade de planejamento e sistematização aumenta devido à multiplicidade e complexidade dos componentes presentes no discurso musical. São várias expressões (sonoras e não sonoras), comportamentos e relacionamentos que se entrelaçam, se interpenetram, proporcionando aos integrantes do grupo reviver, no âmbito terapêutico, recortes de experiências de vida com suas nuances.

Considerando-se este panorama, somado à ampla aplicabilidade de práticas musicoterapêuticas em instituições públicas e privadas, nas mais diferentes áreas, torna-se premente atentar para a pluralidade de questões relativas ao manejo grupal, especialmente quanto à sua dinâmica e seus processos internos (CRAVEIRO E ESPERIDIÃO, 2004).

Refletir sobre a importância do planejamento na prática musicoterapêutica em contextos grupais implica em atentar para: a) necessidades e características do grupo; b) estrutura da sessão; c) escolha de técnicas; d) preparação do *setting*; e) registros dos conteúdos expressos no contexto grupal em consonância com a escuta e análise musicoterapêuticas.

Nos contextos musicoterapêuticos a música aparece como fio condutor. Entretanto, a orientação teórica do musicoterapeuta, suas competências e afinidades quanto às escolhas previstas na condução do grupo são indicadores para um bom planejamento. Além disso, há que se considerar os seguintes elementos (Figura 1):

a) organização temporal e espacial: situar-se diante de um espaço físico, percebendo a relação de proximidade de coisas entre si, relacionando ações a uma determinada dimensão de tempo, onde sucessões de acontecimentos (sequencialidade) e de intervalos de tempo (duração) são fundamentais. Observar a coesão e a coerência entre as atividades, de modo que não se dispersem em distintas direções. Manter uma linha ininterrupta que integre gradualmente as distintas atividades desde a primeira até a última, de modo que nada fique jogado ao acaso; b) corpo teórico: fundamentar em teorias da área da Musicoterapia, que incluem naturalmente princípios tanto sobre música quanto terapia. Sempre dinâmico, o corpo teórico é nutrido pela prática que agrega constantemente novas técnicas e métodos (BARCELLOS, 2004); c) musicalidade clínica: prever trabalhar com liberdade criativa, espontaneidade, intuição, musicalidade, compromisso e intenção clínica (BRANDALISE, 2003); d) flexibilidade: capacidade de adaptar-se às mudanças, ser capaz de aceitar e compreender que o grupo trata-se de um organismo vivo, dinâmico e mutável; e) sistematização: mais do que organizar dados, planejar envolve uma postura

metodológica, em que se considera um conjunto de práticas e conceitos que propiciam a reflexão e a reelaboração do pensamento. Significa construir categorias, fazer, analisar e aprimorar o fazer; f) precisão e objetividade: é necessário prever a existência de uma comunicação eficaz entre o coordenador do grupo e os participantes. Consignas claras, precisas e objetivas evitam compreensões errôneas.



Figura 1 – Elementos Essenciais do Planejamento Musicoterapêutico

AS ETAPAS DE UM PLANEJAMENTO

A etapa inicial consiste no levantamento de dados, que visa responder à seguinte questão “Que grupo é este?”. Todas essas informações serão artefatos essenciais para as próximas fases que dizem respeito à escuta das demandas do grupo, as quais irão se evidenciando no decorrer do processo grupal.

As informações colhidas e analisadas favorecem a compreensão do musicoterapeuta quanto: a) as necessidades do grupo: compreender a demanda do grupo, qual a queixa principal, ou, em alguns casos, com qual finalidade o serviço foi solicitado/contratado; b) ao perfil do grupo: coletar informações sobre os participantes (idade, gênero, grau de instrução, condições socioeconômicas, diagnósticos clínicos, outras formas de

tratamento, compreensão, vivências musicais anteriores e motivação para o tratamento musicoterapêutico). Mediante esses dados, os grupos podem ser classificados em homogêneo (com muitos traços semelhantes), ou heterogêneo (com um alto grau de diferenciação entre os participantes); c) ao contexto em que o grupo está inserido: social, educacional, organizacional, clínico, hospitalar. Nota-se que em cada um desses há características próprias que precisam ser identificadas; d) as fases de desenvolvimento do grupo: identificar em qual fase o grupo se encontra e ajudar o grupo a caminhar em direção ao seu objetivo, propiciando crescimento aos seus membros. Schutz (1974) categoriza três fases: 1) inclusão: fase de estruturação do grupo, em que cada um dos seus integrantes procura se posicionar no grupo e estabelecer seus limites de participação e pertencimento ao grupo; 2) controle: necessidade de exercer influência, controle e autoridade; 3) abertura: os membros do grupo procuram satisfazer suas necessidades emocionais. O ciclo inclusão-controle-abertura pode repetir-se várias vezes durante a vida de um grupo, independente de sua duração. Algumas vezes essas fases não podem ser nitidamente distinguidas, pois os componentes do grupo não se encontram todos na mesma etapa ao mesmo tempo, ao procurar satisfazer suas necessidades, de acordo com seu ritmo pessoal.

OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS

Os dados sobre o grupo auxiliam o musicoterapeuta a levantar possíveis significados, mesmo que estes sejam provisórios. Nesse aspecto, procura-se identificar a lacuna existente entre a situação atual e a situação desejada, estabelecendo os objetivos a serem alcançados.

ESTRUTURAÇÃO DA SESSÃO MUSICOTERAPÊUTICA

Na estruturação considera-se as etapas anteriores, isto é, o levantamento de dados e a elaboração dos objetivos. Recomenda-se que seja

elaborada por escrito, devidamente planejada, com detalhamento das técnicas a serem utilizadas, recursos materiais e duração de cada etapa. As etapas principais para a estruturação de uma sessão musicoterapêutica divide-se em acolhimento, aquecimento, desenvolvimento e fechamento.

No início, o acolhimento aos participantes propicia um clima favorável para o início dos trabalhos. Na etapa denominada aquecimento, oportuniza-se aos participantes sentirem-se prontos para as etapas seguintes. Esse é um período de preparação e criação, em que o terapeuta decide como conduzirá a sessão, caso haja a necessidade de algumas alterações baseadas na escuta do grupo, seja validando o que foi planejado ou adequando ao contexto surgido naquele momento (BORCZON, 1996).

O aquecimento, portanto, se estabelece através de ações preparatórias, a fim de impulsionar os participantes ao movimento, seja interno ou externo, podendo ser inespecífico ou específico. O inespecífico estimula o participante a preparar o corpo e/ou sentidos para melhor perceber a si próprio, o outro, o espaço, enfim, o ambiente que o rodeia, enquanto que o aquecimento específico é feito na mesma modalidade na qual vai ser a atividade: um aquecimento com voz para uma proposta que vai priorizar a voz na atividade, por exemplo (BARCELLOS, 2004).

Estando o grupo devidamente aquecido para a proposta, passa-se para a etapa denominada desenvolvimento, ocasião em que as técnicas são aplicadas de acordo com os objetivos previamente estabelecidos. Em sequência, o musicoterapeuta conduz a sessão para o momento de elaboração dos conteúdos expressos, a etapa nomeada processamento. Aqui, o musicoterapeuta articula um diálogo entre os participantes, fundamentando-se na escuta musicoterapêutica. Oportuniza-se dar e receber feedback, e ainda emergir *insights*.

Depois de cumpridas tais etapas, é primordial encerrar a sessão com alguma técnica que objetive preparar o grupo para o término, ressaltando os aspectos principais que foram vivenciados naquele encontro (BORCZON, 1996).

ESCOLHA, CRIAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE TÉCNICAS

Uma técnica é um recurso. Em si mesma ela não significa nada, é neutra. Para que uma técnica tenha algum sentido, “requer pelo menos dois elementos: uma teoria na qual se fundamente e uma finalidade para a qual aponte” (MONTEIRO, 1993, p. 122).

A escolha da técnica precisa ser norteada, principalmente, pela teoria escolhida, pelos objetivos, número de participantes e recursos disponíveis. Tais recursos devem estar relacionados à estrutura física, às condições do ambiente e às competências do profissional que irá utilizá-los. É inegável que o musicoterapeuta deve ter domínio no manuseio dos recursos e técnicas escolhidos, o que requer arte, preparo e experiência. Também a necessidade do grupo é um dos quesitos a ser avaliado.

Além das diversas técnicas específicas da Musicoterapia, a literatura dispõe de vastas indicações específicas de técnicas para contextos grupais, desenvolvimento de dinâmicas de grupo que podem ser apropriadas pelos musicoterapeutas fazendo adaptações e complementações necessárias ao contexto da Musicoterapia.

Vale ressaltar, entretanto, os devidos cuidados quanto às escolhas das técnicas e suas aplicabilidades. No geral, evitar técnicas que ridicularizam ou que geram polêmica, que causam constrangimentos, e sirvam de instrumento de manipulação. É necessário especial atenção para técnicas que envolvam corpo e toque, pois podem, ao invés de facilitar a intervenção, trazer obstáculos ao que se pretende alcançar. Recomenda-se nunca utilizar a técnica pela técnica, uma vez que fazê-lo pode trazer prejuízos consideráveis às pessoas e ao processo do grupo (ZITTA, 2009; GRAMIGNA, 1995).

MUSICOTERAPIA

A PREPARAÇÃO DO *SETTING*

A preparação do *setting* envolve o ambiente físico, bem como, os recursos humanos e materiais. Em relação ao ambiente físico, é importante atentar para as dimensões do espaço escolhido de acordo com o número de participantes. Salas muito grandes para um número pequeno de pessoas podem gerar dispersão, sensação de insegurança e não pertencimento (falta de coesão). Ao contrário, salas muito pequenas para um número grande de pessoas podem restringir a livre expressão corporal. Dessa forma, o espaço ideal é aquele que proporcione segurança, aconchego e privacidade, isto é, constitui-se num lugar de encontro. Decoração sóbria, com poucos estímulos visuais, para que os estímulos sonoros mereçam atenção. Evitar elementos chocantes ou produtores de atritos do ponto de vista cultural, moral ou religioso contribui para um bom desenvolvimento da ação planejada. Lugares abertos e que proporcionem contato com a natureza também podem ser um opção interessante, desde que não prejudiquem a liberdade de expressão do grupo (BENENZON, 1985; BARCELLOS, 1999; RIBEIRO, 1994).

Os recursos humanos são as pessoas que estão envolvidas na execução da ação planejada: coordenadores do grupo, assistentes, observadores, técnicos de filmagem, fotógrafos etc. O número de pessoas envolvidas está diretamente ligado ao número de participantes e grau de complexidade das ações planejadas. Yalom (2006) salienta a importância do relacionamento entre os observadores, o grupo e os terapeutas do grupo. O autor defende que, independente do formato utilizado, todos os membros do grupo devem ser informados sobre a presença da equipe e seu propósito.

Os recursos materiais são os elementos necessários para a execução das técnicas propostas e podem ser os mais variados possíveis: colchonetes, instrumentos musicais, aparelho de som, CD's, objetos sonoros e tantos outros - bolas, balões, lenços, sucata etc. - que possam favorecer a criatividade, o momento do grupo e os objetivos a serem alcançados. Eles devem ser cuidadosamente escolhidos e preparados, pois revelam o comprometimento do

terapeuta com o grupo. Em situações em que o musicoterapeuta decidir utilizar músicas gravadas, é relevante que faça uma rigorosa seleção, considerando vários critérios: estruturação das distintas variáveis musicais na obra selecionada - gênero, estilo musical, texto, arranjo e instrumentação empregados na interpretação; contexto social em que a obra musical foi composta; contexto social em que a obra musical tem-se apresentado na atualidade.

O QUE OBSERVAR EM UM GRUPO?

Os fenômenos grupais acontecem em três níveis interdependentes e atuantes: o intrapessoal, o interpessoal e o grupal, sendo que alguns deles são passíveis de observação direta, outros não. Entretanto, a interdependência é algo real e sempre irá existir, uma vez que o que ocorre com uma pessoa interfere nas outras pessoas e no grupo, e vice-versa (MOSCOVICI, 2008).

A prática da observação depende de treino e de se criar um hábito. Tal prática mantém um estreito vínculo com a escuta musicoterapêutica, sendo importante que o observador também seja musicoterapeuta. Em se tratando de grupo, pode-se ter um observador interno, participante e/ou um observador externo. Tal ação pode ser auxiliada por diferentes formas de registro, tais como: anotações breves, relatórios, gráficos, partituras convencionais e não convencionais, gravações em áudio e/ou vídeo etc. Por meio desses recursos o musicoterapeuta consegue perceber questões que passariam despercebidas e que podem ser extremamente importantes no momento da análise musicoterapêutica. Esta é composta da análise do material musical veiculado pelo grupo, seus processos de produção, a movimentação de cada participante em relação aos outros participantes e ao grupo como um todo, à música e ao musicoterapeuta. Além da produção do grupo, também, o que for trazido pelo musicoterapeuta é passível de análise (BARCELLOS, 2007).

O sentido dessas produções sonoro-musicais não se apresenta, em todas as ocasiões, de uma forma clara e transparente e não se encerra em

uma única possibilidade ou direção. Captar esta pluralidade de caminhos na relação sonoro-musical implica numa atitude vivencial de abertura, mas também, numa consideração teórico-vivencial capaz de abranger com a maior riqueza possível este movimento de desabrochar do grupo.

Considera-se, por fim, que em uma análise do processo grupal jamais deve ser realizada isolando as colocações de um participante do grupo, mas sempre a partir do contexto do grupo, dentro daquela situação terapêutica.

Como planejar uma sessão em grupo

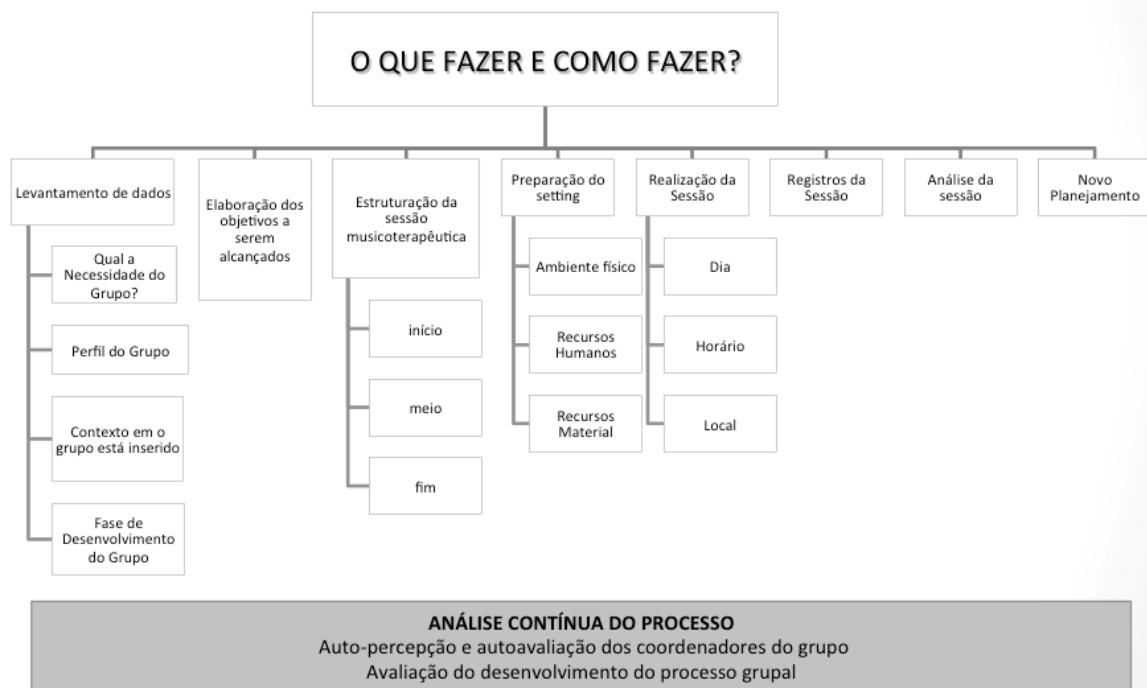


Figura 2 - Etapas do Planejamento Musicoterapêutico: o que fazer e como fazer?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ressalta-se que planejar intervenções em Musicoterapia não significa limitar a liberdade, ou mesmo transformar a prática musicoterapêutica em algo mecânico, inflexível. É imprescindível que o

musicoterapeuta tenha flexibilidade e espontaneidade na condução da atividade grupal e um abrangente preparo para o manejo grupal.

Planejar, na realidade, ajuda a ter uma visão ampliada da intervenção, do que e de como será implementado, aumentando os benefícios dessa modalidade de atendimento, além de favorecer a efetividade da ação, minimizando os possíveis riscos. Não planejar, na área terapêutica, implica no descumprimento de questões éticas, na perda de foco do tratamento e na impossibilidade de avaliar os resultados. O sucesso do andamento do grupo depende, primeiramente, de um bom planejamento e da postura profissional do coordenador de grupo.

Portanto, como destacado em toda a extensão deste artigo, toda e qualquer intervenção musicoterapêutica não deve ser aplicada de forma indiscriminada, mas sim atentando para as especificidades de cada grupo e dos contextos em que estão inseridos.

Frente a tantas reflexões, emerge um questionamento que nos inquieta: se o ato de planejar é tão importante, porque alguns terapeutas ainda resistem em aceitar e fazer uso deste recurso?

REFERÊNCIAS

AUBRY J.M.; SAINT-ARNAUD Y. **Dinâmica de grupo**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1978.

BARBOSA, C. **A tríade do tempo**: a revolução da produtividade pessoal. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

BARCELLOS, L.R. Mecanismos de Atuação do Musicoterapeuta: Ações, Reações e Inações. In: **Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia**, Rio de Janeiro, 2004a.

_____. Musicoterapia – **alguns escritos**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004b.

_____. Análise Musicoterápica: Da recepção à produção musical do paciente – Um caminho para a compreensão de sua história. Apostila do Curso ministrado na Estação Eki Musicoterapia, São Paulo, 2007.

_____. **Cadernos de Musicoterapia 4**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BENENZON, R. O. **Manual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BORCZON, R.M. The Music Therapy Group: Structure and Techniques. In: Borczon, R.M. **Music Therapy: Group Vignettes**. Barcelona Publishers, U.S.A., 1996

BRANDALISE, André (org). I Jornada Brasileira de Musicoterapia Musico-Centrada. São Paulo: Apontamentos, 2003. p. 9 -28

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CRAVEIRO DE SÁ, L. & ESPERIDIÃO, E. Dinâmica do Relacionamento Humano em Musicoterapia: uma experiência interdisciplinar. In: **VI Fórum Paulista de Musicoterapia**. Resumo: CD-ROM, São Paulo, 2004.

DRUCKER, P. F. **Práticas de administração de empresas**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

FREIRE, M. O que é um grupo? In: Grossi, E.P. **Paixão de aprender**. Petropolis: Editora Vozes, 1992.

GRAMIGNA, M.R.M. **Jogos de empresa e técnicas vivenciais**. São Paulo: Makron Books; 1995.

MARTINS, S.T.F. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sívila Lane. **Psicol. Soc.** [online]. 2007, vol.19, n.spe2, pp. 76-80. ISSN 1807-0310. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000500022>.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo** – 17 ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2008

MONTEIRO, R.F. (Org.) **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

_____. **Psicoterapia grupo analítico** -Teoria e técnica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SCHUTZ, W. C. **O prazer: expansão da consciência humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

YALOM. I. **Psicoterapia de grupo**. Trad.: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZITTA, C. **Organização de eventos:** da ideia à realidade. Brasília: Editora Senac-DF, 2009.

Recebido em 25/09/2013
Aprovado em 05/11/2013

131



MUSICOTERAPIA